

01/07/2013 - 00:00

## Alta do dólar exige atenção redobrada do turista lá fora

Por **Alessandra Bellotto e Beatriz Cutait**

Desde que bateu a mínima em dez meses - R\$ 1,947, no dia 8 de março -, o dólar acumula valorização de 14,6%. Se esse movimento de alta acentuada deve persistir, não se sabe ao certo. Mas não há no horizonte indícios de fraqueza da moeda americana. Pelo contrário, a sinalização do Federal Reserve, o banco central americano, de que pode iniciar a retirada dos estímulos já neste ano e indicadores mais favoráveis da economia americana só reiteram a tese de dólar forte.

Para quem está com viagem ao exterior marcada para breve e não programou com antecedência as compras de moeda, a chance de aproveitar uma queda significativa nos preços diminuiu e, assim, não restará muita alternativa além de encarar as atuais cotações. Para os que ainda têm tempo, os especialistas costumam recomendar compras graduais da moeda do país de destino, aproveitando momentos pontuais de queda da cotação, a fim de minimizar o risco de concentrá-las no pior preço.

### Férias frustradas?

Dólar mais alto encarece viagem internacional

■ Dólar mercado

Cotação de venda - em R\$/US\$

[\(/sites/default/files/gn/13/06/arte01inv-101-viagem-d2.jpg\)](http://sites/default/files/gn/13/06/arte01inv-101-viagem-d2.jpg)

do Votorantim Private Bank. O câmbio, destaca o economista, é uma das variáveis mais difíceis de serem estimadas, uma vez que depende não só de fundamentos econômicos, mas da atuação de bancos centrais e governos. No Boletim Focus da última semana, a mediana das projeções dos analistas Top 5 (grupo dos que mais acertam as previsões) para a taxa de câmbio era de R\$ 2,10 ao fim deste ano e de R\$ 2,20, no fechamento de 2014 - um mês atrás, estava em R\$ 2,02 e R\$ 2,07, respectivamente.

O real, lembra Abate, figura entre as moedas que mais perderam valor nos últimos meses, e com uma certa razão. Além da perspectiva de mudanças na política monetária americana - o que afetou emergentes em geral -, o estrategista aponta que houve uma piora sensível das contas externas do Brasil. A deterioração de outros fundamentos como inflação, crescimento e situação fiscal também pesam contra o país.

"Não se pode ignorar o fato de que a economia brasileira não vai bem, com um crescimento muito baixo e com um contexto agravado pelos protestos", afirma Samy Dana, professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV), para quem as últimas manifestações que têm mobilizado parte do país tendem a afetar a disposição do investidor estrangeiro em aplicar no país.

As chances de o dólar subir são as mesmas de uma queda, acredita Odair Abate, estrategista de investimento

Apesar das tensões mais recentes, Dana acredita que a tendência é que o mercado cambial "se acalme" até o fim do ano. Na opinião de Abate, do Votorantim, a maior parte da desvalorização do real já ocorreu, uma vez que os mercados tendem a exagerar nos movimentos tanto no lado negativo - como é o caso - quanto no positivo. Contudo, nenhum se arrisca a cravar uma tendência. Pelo contrário, a instabilidade é o que deve pautar a decisão das pessoas. E isso significa que a melhor alternativa para quem precisa de dólar é comprar aos poucos.

Se a viagem estiver marcada para daqui a um mês, por exemplo, as compras podem ser divididas semanalmente até a data do embarque, afirma Alexandre Fialho, diretor da corretora de câmbio Cotação. Quem tem mais tempo pode espaçar as aquisições. "É difícil adivinhar qual o nível de estabilidade da moeda. Assim, ao escalonar as compras, o viajante faz um preço médio, ou seja, se o dólar subir terá garantido cotação menor para parte das compras, assim como no caso de a moeda cair", diz Fialho. "O viajante não é um especulador. À medida que ele compra a moeda aos poucos, consegue se programar", afirma Dana, da FGV.

A possibilidade de prever os gastos é o que faz a planejadora financeira Leticia Camargo recomendar àquele que tem viagem marcada já comprar tudo de uma vez. "Sabendo a cotação, é possível planejar melhor a compra e os gastos", diz.

Para o administrador de investimentos Fabio Colombo, é essencial ter em mente o risco que se está disposto a correr antes de tomar a decisão, já que as incertezas sobre o rumo do câmbio predominam no quadro atual. "Para aqueles que têm uma posição conservadora, o ideal seria comprar todos os dólares necessários agora. Se você tem uma postura mais agressiva, é melhor deixar para comprar num período próximo ao compromisso", afirma. Mas a opção que parece a mais adequada, segundo ele, é dividir as compras até o momento final em etapas, para ter uma taxa de câmbio média.

Diante das oscilações do câmbio, Fialho, da Cotação, sugere ainda evitar o cartão de crédito. Além de custos adicionais, como a cobrança de 6% de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), o turista pode acabar subestimando o custo real da viagem. Como destaca Leticia, deixar para o cartão de crédito parte dos gastos é uma aposta que pode ser para o bem ou para o mal. "O ideal é ter a quantia de dólar garantida."

Para não levar tudo em espécie, uma alternativa é recorrer aos cartões pré-pagos, uma espécie de dinheiro eletrônico. Antes da viagem, o turista carrega o cartão com a quantia que deseja levar - evitando o risco da variação cambial -, escolhe a bandeira e pode usá-lo para compras e saques na moeda do país de destino.

O pré-pago, destaca Fialho, pode ser recarregado quantas vezes forem necessárias e tem um custo menor que o do cartão de crédito - paga-se o imposto de 0,38% no fechamento do câmbio incidente em todas as operações envolvendo moedas. Sobre cada saque é cobrada ainda uma taxa, de US\$ 2,50 na moeda americana. Fialho recomenda, contudo, levar de 20% a 30% da soma prevista para gastar em espécie.

E tudo indica que o brasileiro vai continuar viajando para o exterior, a despeito da alta do dólar. Em junho até o dia 19, as despesas líquidas do país com viagens internacionais já alcançavam US\$ 966 milhões, segundo dados do Banco Central. Em todo o mês de junho de 2012, o valor foi de US\$ 1,221 bilhão. De janeiro a maio, os gastos líquidos foram de US\$ 7,349 bilhões em 2013, ante US\$ 6,010 bilhões em 2012.